

Memórias Formativas de Práticas Alfabetizadoras com Professores da Secretaria Municipal de Educação de Manaus

MARTINS, Ana Michelle de Carvalho^{1*}
ALVES, Hercilaine Virginia Oliveira^{2*}

Resumo

A alfabetização na Secretaria Municipal de Manaus ainda é um desafio quando se trata de um rendimento satisfatório. Para esse olhar entende-se a necessidade de aprimorar a prática dos alfabetizadores na formação continuada, por ser um espaço de troca de experiências e de aprendizado. O presente artigo tem como objetivo reelaborar processos pedagógicos de Alfabetização e Letramento com professores do bloco pedagógico a partir da reflexão da atuação docente e da socialização de práticas alfabetizadoras. O estudo resulta de memórias formativas com professores a partir do plano estratégico de formação continuada, tendo como suporte metodológico a abordagem qualitativa. O trabalho revelou que os professores alfabetizadores já desenvolvem técnicas para aprimorar o processo de alfabetização, sendo necessário compreender os níveis da escrita no estudo da psicanálise e identificar práticas de aprendizagem.

Palavras-chave: Formação Continuada; Práticas Alfabetizadoras; Nível de escrita

Introdução

Ainda hoje a alfabetização é caracterizada como um processo desafiador no contexto pedagógico que demanda um olhar sensível do educador no contexto da aprendizagem dos alunos. A Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED), preocupada com esse ensino, utiliza-se de ferramentas para acompanhar o desempenho das crianças. Uma das estratégias para averiguar essa aprendizagem se dá pelas seguintes avaliações: Percurso, somativa e diagnóstica, em que o Programa Mais Alfabetização (PMALFA) é responsável pela análise dos resultados, que por sua vez integra a Política Nacional de Alfabetização. A partir desse indicador, pôde-se observar um baixo rendimento nos três primeiros anos do bloco pedagógico. Pensando em aprimorar esse rendimento, foi organizado com alguns setores da SEMED um Plano de Ação. A Gerência de Formação Continuada foi acionada para concretizar o Plano Estratégico para que o professor pudesse refletir sobre as possíveis intervenções pedagógicas no fortalecimento do ensino-aprendizagem. Diante desse contexto, parte a grande necessidade que os professores alfabetizadores têm de aprimorar a práxis pedagógica através da formação continuada, além de ser um espaço de troca de experiências entre os pares, fez-se necessário revisitar os processos de aprendizagem da escrita e leitura,

¹ Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Marta Falcão-FMF. Formadora dos Anos Iniciais da DDPM/SEMED-Manaus: E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

² Especialista em Linguística pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Formadora dos Anos Iniciais da DDPM/SEMED-Manaus: E-mail: hercilaine.alves@semed.manaus.am.gov.br

norteado pelos documentos da Secretaria. Assim, o presente artigo tem como objetivo relatar sobre os processos pedagógicos de Alfabetização e Letramento com professores do bloco pedagógico, voltados a compreensão sobre os níveis de escrita dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir da reflexão da atuação docente e da socialização de práticas alfabetizadoras.

O estudo resulta nos relatos de experiências dos professores a partir do plano estratégico de formação continuada, tendo como suporte metodológico a abordagem qualitativa. Esse trabalho revelou que os professores alfabetizadores já desenvolvem atividades para aprimorar o processo de alfabetização dos alunos, mas ainda é preciso compreender os níveis conceituais da escrita mediante o estudo da psicanálise, a fim de potencializar as estratégias de ensino e identificar o estilo de aprendizagem de cada aluno em sua particularidade.

A proposta formativa foi desenvolvida a luz dos processos de alfabetização, permitindo o professor entender diante dos estudos sobre a psicogênese da escrita, o nível em que cada aluno se encontra e como desenvolver atividades favoráveis para que haja um avanço significativo na aprendizagem, considerando a importância do ambiente alfabetizador, sobretudo a compreensão dos documentos norteadores desse processo.

Pensar no aluno como sujeito que cria as próprias hipóteses da escrita; que pensa e refaz aquilo que outrora já não fazia sentido é resultado da ação de compreender os estudos sobre psicogênese. Isso possibilita dar vez e voz àquela criança que tem intencionalidade ao escrever, mas ainda não faz correspondências grafofônicas porque a medida em que vai se apropriando desse mundo das letras, vai adquirindo o código da transcrição do escrito para o oral e vice-versa. O professor ao elaborar atividades intencionais de acordo com cada nível da escrita proporciona aos alunos aprendizagem significativa porque parte da reflexão sobre as práticas de linguagem. É preciso proporcionar métodos que estimularam o ato de pensar para que o aluno expresse seu pensamento acerca do que pode ser questionado, valorizando, assim, os conhecimentos prévios, e juntamente com o educador reelaborando um novo conceito sobre o que está sendo estudado. Assim, esse processo resulta no que David Ausubel chama de ancoragem, ou seja, ocorreu aprendizagem significativa, uma vez que há intersecção entre aquilo que ele já conhece, e o que ele necessita apreender.

Para que ocorra a aprendizagem significativa é necessário que haja um relacionamento entre o conteúdo a ser apreendido e aquilo que o aluno já sabe [...] a principal função do organizador é de estabelecer uma ponte entre o que o aluno já sabe e

aquilo que ele precisa saber, para que possa aprender com sucesso a nova tarefa. (RONCA, p.61- p.70).

A teoria da aprendizagem de Ausubel propõe que os conhecimentos prévios dos alunos sejam valorizados, para que possam construir estruturas mentais utilizando, como meio, mapas conceituais que permitem descobrir e redescobrir outros conhecimentos, caracterizando, assim, uma aprendizagem prazerosa e eficaz. Assim, a aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

E para auxiliar nesse processo, é de suma importância criar um ambiente favorável a aprendizagem a fim de instigar a imaginação, o acolhimento e a atribuição de significados, pois para a criança o espaço físico precisa trazer significado conforme Faria (2001) ressalta:

Ele será qualificado adquirindo uma nova condição, a de ambiente: o espaço físico, isolado do ambiente, só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança, existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou de opressão (FARIA, 2001, p.70).

As reflexões sobre o estudo da psicogênese da escrita bem como sobre o ambiente alfabetizador são temáticas recorrentes na formação continuada, visto que norteiam a prática pedagógica e auxiliam na compreensão sobre o que significa alfabetizar. É nos encontros formativos que surgem os embates discursivos; eles possibilitam a exposição de ideias, a discussão, e sobretudo a síntese do que foi abordado. Assim, o educador é instigado a repensar sobre o que pratica em sala de aula e lançar um novo olhar para os processos que envolvem o ensinar e o aprender.

Nessa perspectiva, segundo Camargo (2012), a formação para professores alfabetizadores é um tema urgente e desafiador. Urgente, pois é perceptível que os cursos de pedagogia não alcançam todas as situações imprevisíveis na sala de aula. A formação inicial assegura a base teoria, entretanto, como afirma Cagliari “estudar pedagogia e psicologia é importante. Mas ninguém se forma um bom alfabetizador só com essas disciplinas. O fundamental é saber como a linguagem oral e escrita são e os usos que têm”

(2009, p.35). Desafiador, pois implica em perceber que teoria e prática precisam estar imbricadas, mas sobretudo, desmistificar um modelo único de ensinar e aprender, modelo esse, que limita as possibilidades de ação educativa.

Foi importante também apropriar-se dos documentos oficiais disponibilizados pela Secretaria que orientam o fazer pedagógico, tais como: Caderno integrado de atividades de Língua Portuguesa; Documento Norteador do Bloco Pedagógico e a Proposta Pedagógica do Bloco. O primeiro refere-se a compilações de exercícios voltados a práticas de linguagem. O outro diz respeito as orientações pedagógicas para subsidiar a ação do professor em sala de aula, aborda questões pertinentes ao planejamento para direcionar o trabalho docente. O terceiro, enfatiza as práticas pedagógicas e tem como eixos norteadores a alfabetização, letramento e ludicidade, favorecendo a imersão das crianças no processo de alfabetização e apropriação da escrita de forma contínua e progressiva.

Nesse sentido, os materiais disponibilizados pela Secretaria para a formação continuada do professor são elementos indissociáveis para fortalecer e apoiar seu trabalho pedagógico no processo de alfabetização, aprimorando o ensino-aprendizagem e o desempenho dos alunos na perspectiva da alfabetização. Para isso foi imprescindível também, retomar as orientações do Bloco Pedagógico por apresenta-se como uma organização escolar de aprendizagem, que prioriza o processo de **alfabetização e letramento** nos três primeiros anos do Ensino Fundamental (1º, 2º e 3º ano), com progressão continuada.

A proposta metodológica sequencial de alfabetização envolve compromisso com a aprendizagem, de modo a garantir que, ao longo do ano escolar e do ciclo, os alunos progredam em seus estudos. E o professor alfabetizador tem o papel de mediador, para isso é necessário que ele compreenda as etapas de desenvolvimento pelas quais passam as crianças, conheça os aspectos cognitivos, físico, social e psicomotor, bem como o objeto de conhecimento que pretende ser construído pela criança.

Para que isso ocorra no dia a dia da escola, foi estabelecida uma metodologia de trabalho organizada e estruturada de forma dinâmica, a fim de evitar distorções entre o pensar e o fazer pedagógico. Essa metodologia envolve a AÇÃO – REFLEXÃO AÇÃO e está baseada no movimento da CURIOSIDADE - BUSCA - DESCOBERTA, sendo o educador um mediador entre a criança e o objeto de conhecimento (MANAUS, Prop. Pedag. 2014, p.23).

Para Alves (1994), a função de um professor é instigar o estudante a ter gosto e vontade de aprender, de abraçar o conhecimento. Assim, devemos entender a mediação como uma posição humanizadora, positiva, construtiva e potencializadora na relação educativa. Na base desse construto dinâmico encontra-se o conceito de “desenvolvimento potencial” de Vygotski (TÉBAR, 2011, p.74).

Segundo FREIRE (1996), a ação docente é a base de uma boa formação e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Porém, para que isso seja possível é importante que o docente tenha a consciência, o compromisso e a responsabilidade de que ele deverá aprender a aprender e a aprender ao ensinar. E essa responsabilidade tem que ser trabalhada e desenvolvida a cada etapa, pois o aprendizado é contínuo.

Dentro da perspectiva da rede municipal é possível entender a Alfabetização como um processo contínuo, considerado um período propício para a aquisição e apropriação da língua escrita de forma continuada e progressiva. A fim de subsidiar os professores em sua prática pedagógica, apresentamos algumas considerações básicas sobre Alfabetização e Letramento.

Os estudos de Magda Soares (2013) enfatiza que a Alfabetização é o processo pelo qual se adquire uma tecnologia, a escrita alfabética e as habilidades a fim de utilizá-la para ler e para escrever. Já o Letramento relaciona-se ao exercício efetivo da tecnologia da escrita, implica no uso competente de práticas sociais de leitura e escrita. Por outro lado, Ferreiro (2001) diz ainda que a escrita é como um sistema de representação, para isso acredita-se que “a escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras” (2001, p. 10).

A percepção que se tem para a Formação Continuada é almejar, criar possibilidades para instigar a compreensão sobre o processo de alfabetização e letramento, bem como refletir sobre a utilização de técnicas e estratégias que oportunizem a compreensão da competência leitora dos alunos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para além disso, o processo de formação prisma pela perspectiva de despertar o interesse do professor alfabetizador em tornar a sala de aula um lugar de referência para a aprendizagem dos estudantes.

A proposta formativa traçada buscou atender professores alfabetizadores da Rede vislumbrando ouvir as expectativas almejadas nesta ação através de depoimentos que sustentam a prática docente e a dinâmica do processo formativo; nesses termos nos embasamos na afirmação de que: “A formação do profissional deve considerar a

experiência do professor e estabelecer com ele um diálogo crítico; deve também levar ao pensamento sistemático e autônomo, que só pode ser conseguido num contexto de liberdade e responsabilidade” (ALARCÃO, 2003).

Concepções Alfabetizadoras

A alfabetização sempre foi e ainda tem sido objeto de diferentes análises tendo em vista sua natureza específica, complexa e desafiadora, pois para alfabetizar “[...] os docentes precisam ter saberes acerca da natureza da leitura e da escrita combinado ao conhecimento do modo pelo qual a criança realiza o processo de aprendizagem”. (VARELA, 2001, p. 29).

Partindo dessa reflexão é importante perceber que os professores alfabetizadores necessitam ter conhecimentos sobre como a criança aprende, sobre o funcionamento do ato de ler e de escrever acerca do uso da leitura e da escrita nas mais diversas situações na sociedade, sobretudo, as concepções de alfabetização difundidas nas memórias do seu processo formativo. Por isso os Educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos. (ALVES, 1994, p. 82).

Esse estudo também possibilitou agregar a vivência da prática marcante na trajetória profissional dos docentes, principalmente, no que concerne aos aprendizados construídos pelas alfabetizadoras, conforme registram as narrativas sobre suas concepções de alfabetização.

[...] Alfabetizar está muito além da decodificação dos sinais gráficos da escrita convencional. Alfabetizar antes de tudo, é encantar, fazer apaixonar aquele que viverá esse momento. Por isso, o mediador dessa etapa deve ser o primeiro a encantar-se, a contagiar-se com esse mundo, do contrário destruirá sonhos, vidas... (Professor A³).

[...] A Alfabetização envolve muito mais do que decifrar letras e números. Penso que é a habilidade de leitura, compreensão de textos e da linguagem de maneira geral, são competências necessárias para que os indivíduos avance em sua vida escolar e também possa se perceber no mundo em que vive... (Professor B).

[...] A Alfabetização é um processo pelo qual se possibilita gerar dignidade humana e inclusão social. Um ser alfabetizado adquirindo as habilidades de leitura e escrita passa a dar, ou melhor, a ter significado sobre o mundo. (Professor C).

[...] O professor tem um olhar diferenciado para alfabetizar o aluno com cada um com sua necessidade de construção alfabética. A cada dia é

³ Para preservar a identidade dos professores, os mesmos serão mencionados por letras.

novos desafios para que seu aluno conheça as vogais e o alfabeto.
(Professor D).

A fala dos professores é bem clara quando se trata das concepções alfabetizadoras, o professor “A” se reporta ao encantamento, onde acredita na postura do educador estimulado para atuação da prática, o professor “B” entende que o processo de alfabetização não se restringe somente ao conhecimento das letras, mas, sobretudo, do significado. O professor “C” se reporta ao processo de alfabetização como algo além do ato de ler e escrever, perpassa por uma questão social, fazendo com que a criança exerça seu papel de cidadão. Por último o professor “D”, que primeiramente compreende esse processo como inserção social, posteriormente discursa apenas sobre a decodificação.

Este processo formativo, retratado como um Plano Estratégico de Alfabetização, para os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, traz consigo refletir o grande compromisso dos educadores com a aprendizagem e a construção de conhecimentos dos educandos, de modo a garantir que ao longo do ciclo de alfabetização se consolide todas as habilidades propostas pelos documentos norteadores, compreendendo sobretudo, o processo de formação do Bloco Pedagógico.

Nesse contexto a Proposta Pedagógica da SEMED/ Manaus para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental destaca sobre o processo de alfabetização, especificamente diz que a língua é um sistema que tem como centro a interação verbal, que se faz através de textos ou discursos, falados ou escritos. No entanto, a condição básica para o uso escrito da língua, que é a apropriação do sistema alfabético, envolve, da parte dos alunos, aprendizados muito específicos, independentes do contexto de uso, relativos aos componentes do sistema fonológico da língua e suas inter-relações. (Manaus, 2015, pág.57 apud Pró-Letramento, Fascículo 1, p. 9, 11/2007).

Ferreiro e Teberosky (1999) apontam que, tradicionalmente, o problema da alfabetização tem sido exposto como uma questão de método, e a preocupação seria de buscar o “melhor e mais eficaz método para ensinar a ler e escrever”.

Para tal análise a reflexão proposta buscou compreender de fato os efeitos dos estudos de Ferreiro (2001) sobre a importância da apropriação do sistema da escrita pelos alunos, considerando que a alfabetização na lógica da escrita acontece pela organização do pensamento e que o letramento é mais que alfabetizar, é simplesmente ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a escrita e leitura tenham sentido para a vida dos indivíduos.

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p.23).

Acredita-se que a Alfabetização tem também o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada, no sentido ainda mais amplo Soares (2003) considera que alfabetização é a aprendizagem da técnica com o domínio da escrita e da leitura, ou seja, é um processo que vai muito além de decodificação de letras e sílabas.

Mesmo quando as crianças ainda não sabem escrever convencionalmente, elas já apresentam hipóteses sobre como fazer essa representação, pois a oportunidade de escrever quando ainda não se sabe, permite que a criança confronte hipóteses sobre a escrita e pense em como ela se organiza, o que representa e para que serve.

Nestes termos, abordamos o estudo dirigido com os professores sobre os Níveis conceituais de Aprendizagem, especificamente para identificar o percurso do desenvolvimento da escrita. Para melhor compreensão, construiu-se um jogo de pareamento de produções de escrita das crianças por níveis, a fim de relacioná-las com as fichas das hipóteses silábicas.

Os estudos advindos da Psicogênese da escrita propuseram um novo olhar sobre a alfabetização, permitindo-os compreender os processos cognitivos que regem seu funcionamento. Através de diferentes etapas, contemplando princípios variados nos apropriamos do sistema de escrita, por essa razão é necessário atender as especificidades de todos de modo a ajudá-los a ampliarem suas aprendizagens.

A Psicogênese da Língua Escrita não apresentam nenhum método pedagógico, mas revelam os processos de aprendizado pelo qual as crianças passam, por isso quando se trata de compreender os níveis conceituais de escrita se faz necessário identificar as evoluções e os protocolos da escrita, pois a criança constrói diferentes hipóteses sobre o que ela constrói escrevendo, antes mesmo de chegar a compreender o sistema alfabético. Ferreiro e Teberosky (1999) observaram que, na tentativa de compreender o funcionamento da escrita, as crianças elaboram verdadeiras "teorias" explicativas que assim se desenvolvem e são organizadas em quatro hipóteses ou níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Conhecendo a situação de cada aluno, é possível pensar a melhor forma de trabalhar o processo de alfabetização e quais as intervenções necessárias para ajudá-los a avançar e a entender a lógica do sistema de escrita.

Sabe-se que a obra “A Psicogênese da Língua Escrita” surgiu na Argentina com o intuito de minimizar os altos índices de evasão e repetências existentes nas séries iniciais, contribuindo assim para melhoria da qualidade da alfabetização brasileira. Salienta-se que não é um método, mas como uma reflexão de um processo de aprendizagem. Fazendo uma analogia com as dificuldades encontradas ainda hoje nesse processo, o Plano Estratégico de Formação Continuada para Alfabetizadores da Rede, procura assim investir em uma proposta metodológica que permite um olhar para a contribuição psicolinguística.

Para subsidiar o trabalho formativo e uma propriedade fundamentada na teoria para a prática, os professores se debruçaram na leitura de excerto de texto, como literatura de referência para a compreensão dos níveis: Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores de Marília de Lucena Coutinho.

Para aprender a escrever, é fundamental que o aluno tenha muitas oportunidades de fazê-lo, mesmo antes de saber grafar corretamente as palavras: quanto mais fizer isso, mais aprenderá sobre o funcionamento da escrita (MORAIS; COUTINHO, p.49).

Durante o processo formativo com os professores alfabetizadores, identificamos através da abordagem apresentada, dificuldades de alguns educadores mediante o estudo da Psicogênese no contexto de entender os conceitos das hipóteses da língua escrita, uma vez que esses impasses repercutem no trabalho didático do professor. Como aponta Pimenta (2002, p. 24):

A teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais.

Realizou-se momentos de roda de conversas e exposição de alguns materiais como percepção da importância do ambiente alfabetizador, fazendo com que o professor perceba que esse espaço precisa ser antes de tudo, apresentado às crianças, como o lugar privilegiado para o saber, o aprender, o criar, o produzir, da troca e da construção do conhecimento.

Segundo Teberosky (2003), os professores como guiadores deste processo possuem a responsabilidade de criar um ambiente alfabetizador rico em materiais apropriados, levando em conta o conhecimento prévio dos alunos, garantindo um trabalho contínuo e gradativo para o processo de aprendizagem.

Refletimos também sobre a importância do planejamento coletivo no processo de alfabetização do bloco pedagógico. Onde os professores discutiram e elaboraram um roteiro de atividades para subsidiar o planejamento pedagógico numa necessidade de ressignificar o planejamento mensal no sentido de novas estratégias, objetivando resultados satisfatórios no rendimento dos alunos.

Antes de iniciar o trabalho com a turma de 1º ano, é importante que o professor, ao planejar, organize atividades voltadas para a sistematização das práticas sociais de leitura e de escrita [...]deve estar atento ao tempo escolar, definindo bem os tempos de leitura e de escrita propostos na rotina semanal. (MANAUS, Supl. Ped., 2014. p.23)

Nessa perspectiva, a organização do trabalho pedagógico precisa envolver um conjunto de procedimentos que, intencionalmente, devem ser planejados para serem executados durante certo período de tempo, tomando como referência as práticas sociais/culturais dos sujeitos envolvidos, suas experiências e conhecimentos. (MANAUS, Supl. Ped., 2014, p. 23).

[...] O planejamento de ensino nas turmas de alfabetização requer análise e criação de propostas para organização de rotinas, sequências didáticas e projetos pedagógicos numa perspectiva interdisciplinar, desse modo favorecendo um ambiente alfabetizador para a apropriação e a consolidação da aprendizagem (MANAUS, Doc. Nort., 2015, p.11)

O planejamento é o instrumento, por excelência, capaz de assegurar o diagnóstico das capacidades e conhecimentos prévios dos alunos, norteia o trabalho docente para em direção aos objetivos traçados pelas metas, é um dos meios para a sistematização de aprendizagem e da prática de ensino. É importante estar bem claro os instrumentos de avaliação do processo e a elaboração de novas estratégias para a solução dos problemas detectados. A luz dessa característica pedagógica, “o plano de aula do professor é, sobretudo, o respeito e o compromisso com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças”. (MENDONÇA,2013).

Considerações Finais

Através do Plano Estratégico de Formação para Professores Alfabetizadores da SEMED/ Manaus, foi possível compreender que as dificuldades encontradas nas séries iniciais na aprendizagem da leitura e escrita constituem um problema que precisa ser olhado de forma evidenciar que o professor alfabetizador necessita refletir ainda mais sobre suas concepções alfabetizadoras, compreender técnicas e estratégias para o ensino e aprendizagem e sobretudo perceber como a criança aprende, que nível ela se encontra e as possibilidades de intervenção, revelando os processos de aprendizagem dos alunos considerando as hipóteses que cada um formula para a construção da auto escrita.

É necessário que o professor considere a escrita do ponto de vista construtivo, representando a evolução de cada criança, ter um novo olhar a luz da alfabetização e também no que se refere a maneira de alfabetizar. Tébar (2011) diz que a experiência nos ensinou que o ritmo das nossas aprendizagens cresce em quantidade e em qualidade quando vem marcado por bons e experientes professores mediadores.

Dessa forma, é preciso ressaltar a necessidade de uma sólida formação teórica do professor para que tenha clareza nos processos que envolvem a apropriação do sistema de escrita alfabética para o desenvolvimento de práticas alfabetizadoras exitosas. O trabalho formativo desenvolvido mostrou também a importância da alfabetização no processo escolar de qualquer estudante e a necessidade de que os professores conheçam metodologias, técnicas que venham trazer um melhor resultado para a aprendizagem das crianças.

Considerar as especificidades dos alunos pelo conhecimento prévio e individual é despertar no professor se fazer permitir olhar para processo de alfabetização em seu laboratório pedagógico que é a sala de aula, onde a grande maioria das crianças se encontram em diferentes momentos do processo de letramento, tornando necessário pensar não apenas em atividades propostas, mas, principalmente, como tais atividades serão vivenciadas pelas crianças com ritmos e experiências diversas.

É importante termos clareza de que a *psicogênese da escrita* é uma teoria psicológica que aborda como os alunos se apropriam da escrita alfabética. Com a sua difusão no Brasil, os professores passaram a conhecer os níveis de aquisição da escrita e aprenderam como avaliar seus alunos. Isso é fundamental, mas não é suficiente para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico de alfabetização.[...]. (MORAIS, COUTINHO, 2005, p. 67).

Por outro lado, não se pretendeu fazer uma análise exaustiva do discurso dos professores alfabetizadores, até porque, segundo Orlandi (2005, p.10 e 11), “[...] todo

discurso fica incompleto, sem início absoluto, nem ponto final definitivo. ” Não se pode qualificá-lo como definitivo, pois sempre tende a ser outro. “Um mesmo tema, ao ser colocado em evidência, é objeto de conflitos, de tensão, face às diferentes posições ocupadas por sujeitos diferentes que se opõem e se contestam. ” (FERNANDES, 2005, p.51).

A intenção central foi de estimular o professor alfabetizador numa reflexão em direção ao equilíbrio e à articulação de propostas metodológicas que possam dar conta da complexidade da alfabetização, alargando o próprio conceito de método, entendido, os procedimentos necessários como responsáveis pela sistematização da tarefa de alfabetizar.

Porém, percebe-se uma lacuna existente entre teoria e prática. Uma das soluções para diminuir essa defasagem seria o investimento em formações específicas sobre essa temática, visto que é ela que deveria nortear o fazer pedagógico. Desta forma, o professor, que às vezes domina alguns termos e expressões e faz uso destes sem realmente, conhecê-los, teria a oportunidade de refletir sobre sua prática. Repensar sobre quais as atividades favorecem as habilidades almejadas, quais as intervenções que se pode fazer para orientar o aluno a avançar nos níveis da escrita. Assim, a percepção do educador estaria aguçada para enxergar em que momento a criança se encontra e quais estratégias são possíveis usar para aprimorar o ato de escrever. Desta forma, as aulas afastavam-se das regras descontextualizadas e construiria uma nova visão do que é alfabetizar. Ele resignificaria a prática apoiada na teoria, adaptando todo o embasamento à realidade escolar.

Referências bibliográficas

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 1994.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei Federal n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos: orientações Gerais**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei n. 9.393, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5.ed. Brasília: Câmara dos Deputados, coordenação Edições Câmara, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. 2ª. Ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CAMARGO, Raiolanda Magalhães Pereira de. (2012). **Programa de letramento reescrevendo o futuro**: uma experiência de formação de alfabetizadores no estado do Amazonas. Lisboa: Dissertação (mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. (140 fls).

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil**. In: FARIA, ANA LÚCIA GOULART DE; PALAHARES, MARINA SILVEIRA (orgs). Educação Infantil Pós LDB: rumos e desafios. 3ªEd. Campinas – São Paulo: Autores Associados, 2001.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre Alfabetização**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MANAUS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Pedagógica Anos Iniciais: Bloco Pedagógico**. Manaus: 2014.

_____. Secretaria Municipal de Educação. **Programa de Formação Continuada Tapiri**. Departamento de Gestão Educacional. Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério. Manaus, 2014.

_____. Secretaria Municipal de Educação. **Documento Norteador do Bloco**. . Departamento de Gestão Educacional. Manaus, 2015.

_____. Secretaria Municipal de Educação. **Suplemento Pedagógico para o primeiro ano do Ensino Fundamental**. Alfabetizar letrando: Nosso Compromisso. Manaus, 2014.

MENDONÇA, Rosa Helena. **Planejamento no ciclo de Alfabetização**. Salto para o Futuro: TV Escola -Supervisão Pedagógica. Ano XXIII- Boletim. Abril, 2013.

MORAIS , Artur Gomes de. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. LEAL, Telma Ferraz (Org.) **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso – princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

PIMENTA, S. G. **Professor: formação, identidade e trabalho docente**. In: PIMENTA, S. G. Saberes pedagógicos e atividade docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RONCA, Antônio Carlos Caruso. **O modelo de ensino de David Ausubel**. IN. PENTEADO, Wilma Mila Alves (org). Psicologia e Ensino. São Paulo: [s.n.t.] Editora SD.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador**: pedagogia da mediação. Tradução Priscila Pereira Mota. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: 2003.

VARELLA, N. K. **Fundamentos sociopsicolinguísticos e psicogenéticos da alfabetização**. IN: SARAIVA, J, A. (Org). **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.